

Odò Pupa – Lugar de resistência e educação antirracista

[resenha]

Nathália Maria da Silva

Zirlania Cristina da Silva

Mirthis Yammilit da Conceição Almeida

SOBRE AS AUTORAS

Nathália é graduanda do curso de pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Email: nathaliasilva@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6417712411655615>

Zirlania é graduanda do curso de pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Bacharel em Gestão ambiental pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Email: zirlaniasilva@alu.uern.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0685116716396544>

Mirthis é professora da Faculdade de Educação (FE)- UERN, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES/ UERN); Professora Colaboradora do Projeto de Extensão UERN vai à Escola: formação e resistência coletiva. Email: mirthisalmeida@uern.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0519270076896835> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7672-322X>



ODÒ PUPA – LUGAR DE RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Nathália Maria da Silva
Zirlania Cristina da Silva
Mirthis Yammilit da Conceição Almeida

FERREIRA, Carine Fiúza. **ODÒ PUPA**: Lugar de Resistência. Documentário, duração 13:45, Salvador, Bahia, 2018. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/curtas-universitarios/v/6941761/> Acesso: 19 de novembro de 2022

A obra em tela, “*Odò Pupa: lugar de resistência*” é um documentário, curta metragem de 14:03 minutos, de autoria da cineasta nordestina, Carine Fiúza Ferreira, resultante de seu trabalho de conclusão de curso (TCC) de Rádio e TV da Universidade Federal da Paraíba em 2018. Exponente do Cinema Negro no Brasil e natural de Campina Grande na Paraíba, a cineasta revela, em entrevista, ter nascido numa “cidade extremamente racista” (SOUZA, 2018, *online*), este *lócus* de discriminação racial expressa diversas opressões, desde sua infância, mesmo com parentesco com pessoas indígenas, brancas e negras o tema não foi objeto de diálogo educativo em casa e na escola, apenas durante a adolescência se familiariza com estudos da temática e inicia sua militância. De acordo com Cavalleiro (2012) o racismo incide na socialização de crianças negras para o silêncio e para submissão desde a educação infantil. De modo geral, podemos destacar que a perspectiva antirracista é um posicionamento político, histórico, social e humanitário presente nas obras da cineasta.

Em “*Odò Pupa: lugar de resistência*” Carine foi roteirista, narradora e diretora, a obra foi selecionada em 2017 na 5ª edição do curtas universitárias (GLOBO, 2017 *online*⁷), com isso, alcançou um espaço de exibição

7 VÍDEO: GLOBO UNIVERSIDADE. Curtas Universitários 2017/2018: conhe-

na programação gratuita do canal futura (FUTURA, 2019, *online*) e compõe o catálogo da plataforma de *streaming* Globo Play, em 2020, a obra foi exibida na Mostra Internacional de Cinema Negro do Museu de Imagem e do Som (MIS), outras obras em destaque de Carine Fiúza são dois curtas, disponíveis em canais do Youtube⁸⁹, na TV Funesc, “Yá, me conte histórias” e no ARCO CCHLA “Repito coisas que não lembro” a cineasta ideou a Mostra Pilão (Mostra Itinerante de Cinema Negro) em 2016, e teve edição em 2021 (INSTAGRAM, *online*)¹⁰.

Odô Pupa é um termo étnico-linguístico da língua iorubá, seu significado é Rio Vermelho. Rio vermelho é contemporaneamente um bairro de Salvador – Bahia, circundado pelo mar atlântico. Efetivamente, Rio Vermelho tem uma historiografia que precede a criação de Salvador, dado a herança histórica do projeto de colonização português, cimentado na subordinação dos povos indígenas e africanos a escravidão.

Foi na Bahia que a esquadra de Pedro Álvares Cabral aportou pela primeira vez, ademais, Souza (2010) resgata que entre 1509 e 1511 devido um naufrágio em Rio Vermelho, o colonizador português, Diogo Álvaro Correia vivera entre os Tupinambás que alcunharam-no Caramuru, peixe que sai do mar¹¹, este casa com a princesa Tupinambá Paragua-

ça os selecionados da 5ª edição. Notícia de 17/08/2017. (*online*). Disponível em: <https://somos.globo.com/globo-universidade/novidades/curtas-universitarios/noticia/curtas-universitarios-2017-conheca-os-selecionados-da-5-edicao.ghtml> Acesso: 25 de novembro de 2022

8 VIDE: YOUTUBE, ARCO CCHLA. Repito coisas que não lembro. *In*: ARCO CCHLA. Universidade e extensão no contexto da pandemia da COVID-19 - Módulo II. (*online*), 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnhUh8N-CWrU> Acesso em: 01 de dezembro de 2022

9 VIDE: YOUTUBE, TV Funesc, Yá, me conte histórias. (*online*), 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EQH_a_Du6OI Acesso em: 01 de dezembro de 2022

10 VIDE: INSTAGRAM, Mostra Pilão (*online*) s.d. Disponível em: <https://www.instagram.com/mostrapilao/> Acesso em: 01 de dezembro de 2022

11 O jornal, Folha do Rio Vermelho (2008) no editorial 500 anos, apresenta uma narrativa diversa de Souza, o qual, Caramuru teria outro significado, filho do trovão, homem do fogo, e que este colonizador reinou os Tupinambás como cacique branco, montou o maior ponto comercial de pau brasil, e foi agente do rei na construção da Bahia. Vide: JORNAL FOLHA DO RIO VERMELHO, editorial

çu, assume a liderança do projeto colonial neste território e constituísse no imaginário local sob narrativa mitológica, Caramuru, efetivo agente do projeto de colonização, estabelece estruturas sob comando da coroa portuguesa, vale destacar que, um problema histórico resultante da colonização é acessarmos narrativas orientadas na ótica do projeto colonial, cujas contradições, tensões, lutas, e dimensões contraditórias geralmente não se abarcam, todavia, é fato que Rio Vermelho tenha se tornado um lugar de arte, de resistência, santuário de rituais e festas para a Orixá Iemanjá, conforme intitulado por Carine Fiuza no documentário, é lugar de resistência, neste lugar simbólico, o documentário dá visibilidade ao racismo estrutural.

O documentário apresenta-se em tela sob o entrelaçar do som do mar e da paisagem beira-mar de Rio Vermelho, paulatinamente a voz política de Carine Fiúza assume a consciência narrativa, vivificada neste enredo-lugar que testemunha historicamente o tráfico negreiro, na ótica da cineasta, tal lugar contempla o atlântico negro e as lutas recorrentes de um povo, “que se repetem e vão tornando-se invisíveis, mas invisíveis pra quem? Quem não consegue ver que estatísticas não são apenas números? Laroyê Exu” (ODÓ PUPA, 2018, 00:40 - 01:08).

Esta introdução discursiva é ilustrada em cena de bar, no qual, pessoas brancas usufruem do lazer, da boemia, saboreiam frutos do mar, e expressão uma divisão social que se contrasta com quem serve, quem trabalha no bar, história de vida de dois jovens negros periféricos, Lucas César, barman e Caíque Santana, garçom, os dois com vinte anos de idade, faixa etária mais perigosa para jovens negros no Brasil de acordo com as estatísticas do Mapa da Violência 2016¹². É essa expressão do racismo estrutural, que a cineasta subverte no discurso político, é invisível pra quem o genocídio dos jovens negros, este dado estatístico banalizado na sociedade, a quem serve? e dá visibilidade a questão, pois, “23.100 jovens negros assassinados por ano. São 63 por dia. Um a cada 23 minutos.

500 anos. Publicação da ARCIV- Academia dos Imortais do Rio Vermelho, nº 1 – maio de 2008. Disponível em: http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/upload/jornal_1.pdf Acesso em: 01 de dezembro de 2022

12 Disponível em: https://flacso.org.br/files/2016/08/Mapa2016_armas_web-1.pdf Acesso em: 22 de novembro de 2018

Apontando, indubitavelmente, para uma seletividade racial.” (FIÚZA, 2019, p. 846), determinismo que engendra morte e de vida da população negra no Brasil.

Por isso, estatísticas não são apenas números, o percentual expressa o genocídio do povo preto, ininterrupto por centenas de anos, herança da mentalidade racista e escravocrata que reduziu a condição de dignidade humana a uma mercadoria, o povo preto objetificado, comprado e vendido, descartável (MOURA, 2021). A questão do trabalho é uma lente sociológica imprescindível ao analisar-se a diáspora do povo preto no Brasil para Moura (2012), pois este modelou as relações de dominação cultural, religiosa, estatal, econômicas, e educativas, ideologicamente sob o famigerado mito da democracia racial de Casa Grande x Senzala¹³, na tese de Pessôa (2020), contemporaneamente demonstra-se que o extermínio e o encarceramento em massa do povo preto é cristalizada no contexto de capitalismo neoliberal, necropolítica¹⁴.

Estas questões de fundo se interpelam a outra estatística apresentada pela cineasta enquanto visualizamos Lucas César exercer suas atividades laborais no bar, Carina elucida que enquanto 70% dos jovens brancos de 15 a 17 anos está no ensino médio, pretos são 50% e pardos 55%, o dado é mencionando enquanto Lucas César acessa uma adega de vinhos, cuja vitrine está escrita em caixa alta, em espanhol: “VINOS MARAVILLOSOS DESDÉ ESPANÑA PARA TU EXIGENTE PALADAR” (ODÓ PUPA, 2018, 02:02), esta cena de trabalho, é precedida pela narrativa autobiográfica de Lucas César, cujo salário possivelmente não propicie o acesso a estes vinhos, o relato de Lucas mostra ao fundo uma parede branca e fotos antigas em suas mãos, evidências de sua história.

Desde pequeno minha mãe me disse que sem trabalho a gente não conseguiria nada, sem estudo a gente não consegue nada. Mas realmente eu só fui compreender esse lance de estudo, depois, quando eu fiz 20, tá ligado? Na tona assim que realmente você tem que estudar para conseguir alguma coisa, tá ligado? Você tem que saber as coisas pra você ser alguém. Teve um tempo que eu larguei o estudo, foi aí que eu só foquei em trabalho: trabalhei como segurança, trabalhei em mercado, trabalhei panfletando, trabalhei em [trecho inaudível] da sorte contando dinheiro, traba-

13 Termo em referência clássica do Gilberto Freire.

14 Processo dominante na política estatal que define quem morre e quem vive. Para saber mais: MBEMBE, Achille. Necropolítica. Artes & Ensaios, v. 32, 2016, p. 123-151.

lhei em líder de ações, [...] putz! Já trabalhei carregando caixas de salgadinho pra cada posto supermercado, entregando, [...] (suspiro) porra já fiz tanta coisa, véi! (ODÓ PUPA, 2018 01:49 – 02:47)

Complementar à narrativa autobiográfica de Lucas, Carine narra que até 2016 menos de 1% das cineastas dirigindo filme no Brasil são mulheres negras, além disso, os postos de liderança nas empresas no Brasil, segundo estudo em 500 empresas demonstrara que apenas 6% dos negros exerciam cargos de gerência, e menos de 5% direção ou presidência. “Mas como ter acesso a educação se é necessário trabalhar para garantir as condições básicas de sobrevivência? Como é possível equiparar saberes diante da má estruturação das escolas públicas e da necessidade precoce de trabalho?” (ODÓ PUPA, 2018, 03:14 – 03:27)

Dentre os elementos a destacar, nos deparamos com a dicotomia educação e trabalho, a negação do conhecimento é instrumento de dominação e violência histórica que subordinaram indígenas, afrodescendentes, mulheres, pobres, ciganos etc. efetivamente, o direito a educação básica (composta por educação infantil, fundamental e médio só se realiza em 2009 com a Emenda Constitucional 59, anteriormente, do o período escravagista até o governo FHC o direito a educação ficou restrito aos anos iniciais que correspondem ao fundamental, ou seja, ler, escrever e contar (SAVIANI, 2013), ao passo que entendemos a escola é aparelho privado de hegemonia¹⁵ a eliminação dos contingentes populacionais por classe, gênero e raça está no ditado “estude pra ser gente”, ideiação dominante atravessa gerações.

Ao mesmo tempo que a gente nasce gente, e estudar não é pré-requisito para ser gente, há outra incorporação dominante no sentido de educação narrado por Lucas, é a questão da teoria do capital humano (TCH) de Theodoro Schultz, originada em 1950, rejuvenescida e aplicada na fase neoliberal. A TCH responsabiliza cada indivíduo por esforços permanentes de investir em sua própria formação, congrega a razão meritocrática, e o resultado desse investimento educativo, tanto pessoal, quanto na nação, se reverteriam em lucro, ganhos em capital, essa ideologia economicista é força motriz de políticas educacionais brasileiras, devido o

15 Vide: HOEVELER, Rejane Carolina. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. Revista Práxis e Hegemonia Popular, Marília, v. 4, n. 5, p. 145 -159, ago./dez. 2019

assédio dos organismos internacionais e o empresariado. No campo das teorias críticas, acredita-se que “a noção de capital humano sedimenta um reducionismo da concepção de ser humano a uma mercadoria [...] ao tomá-la como um contínuo dos mais pobres aos mais ricos, ignorando a estrutura desigual e antagônica das classes sociais” (FRIGOTTO, 2015, p. 217).

A complexidade da questão consiste no fato de que embora a educação seja colocada como salvadora das condições de pobreza, de mobilidade social, até mesmo, de racismo, salvo os casos contra hegemônicos de educação, é necessário pensar, que a regra é a reprodução do *status quo*, das desigualdades, da educação como negação de conhecimento devido seu caráter fragmentado, reprodução de pedagogias tradicionais, liberais, autoritárias que embora certifiquem, certificam em condição de exclusão, e em casos, principalmente do povo preto, resulta em fracasso escolar (abandono, retenção, distorção idade-série). Dito isso, não se pode abandonar o direito à educação, é necessário disputá-lo, algumas as investidas educativas contra hegemônicas nas perspectivas libertária, libertadora, histórico crítica (SAVIANI, 2013), decolonial se colocam como projeto de sociedade com horizonte de emancipação humana, até porque, a escola pública é a única possibilidade formativa para as camadas populares.

Efetivamente o racismo estrutural é um fosso de opressão, de segregação entre as pessoas, e de validação de formas de exploração humana alcunhadas em ódio e injúria racial que se materializa numa estrutura da sociedade civil e políticas. O relato de Caique, garçom, acontece enquanto trabalha, e em seguida, num lugar repleto de arte-protesto, grafitegens em paredes brancas, sua narrativa autobiográfica ilustra a dimensão do trabalho precoce, embora crime, o trabalho infantil não foi superado, e uma parcela da juventude preta e pobre abandona o processo educativo para trabalhar, sua condição de responsabilização por contribuir desde cedo com a questão financeira em casa, sua primeira profissão teria sido pintor, trabalhava com o padrasto que o criou durante 15 anos.

Vivo. **Trabalho quase 12 horas, sabe? Não tenho tempo pra nada**, trabalho a noite, passo a noite toda acordado e o dia é minha noite, isso é foda porque durante o dia eu quero produzir, quero desenhar [...] e não consigo pelo fato de ter que trabalhar, também **se eu não trabalho eu não consigo manter minhas contas**, sabe velho? Eu podia tentar viver de arte ven-

dendo quadro ali, meu aluguel é muito barato, são 300 contos por mês, eu divido com meu brother, mas **em compensação eu tenho que ajudar minha mãe todo mês.** (ODÓ PUPA, 2018, 03:55 – 04:41, grifos nossos)

Este trecho nos remete aos direitos trabalhistas, que no contexto atual, o mesmo vivido por nossos jovens de *Odó Pupa*, tem se efetivado como perda, tal perda de direitos aprofunda o racismo estrutural, amplia a condição de exploração do trabalho, cuja troca do tempo de vida por salário-mínimo não supre uma alimentação nutritiva, não oportuniza tempo criativo, tempo intelectual, tempo de lazer, dito isso, o excesso da carga horária de trabalho abrevia o tempo de vida dado o adoecimento, submete o proletário ao privilégio da servidão¹⁶.

Ademais, como se sustentar-se não fosse em si um problema, os arranjos familiares podem conduzir maiores vulnerabilidades, no caso de Caíque, mensalmente ele precisa contribuir com o sustento da mãe. Ao finalizar essa narrativa, o documentário projeta a imagem simbólica da mãe, mulher preta, de terceira idade, caminhando nas ruas de Salvador, cabisbaixa, pensativa, com uma feição truncada da dureza e sofrimento da vida, sacola de mercado na mão, e um pano estampado¹⁷ escondendo seus cabelos crespos, por fim, uma fotografia, mãe solteira e filho.

Por seguinte o documentário retrata essa questão de mãe, mulher preta, primeiro na narrativa de Caíque abandonado pelo progenitor (pai), e reproduzido pela avó, é o racismo estrutural articulado ao machismo estrutural que constroem uma sociedade patriarcal. A condição da mulher negra se atravessa pelo sexismo, morte, estupro, objetificação dos corpos, perda de autonomia sobre seus corpos e ventres, enquanto elemento que atravessa séculos de exercício de opressão, subalternização, e cria o fenômeno da solidão da mulher negra (XAVIER, s.d.). Lucas também menciona elementos estruturais da condição de sua mãe, que aos 17 é retirante nordestina, vai pra São Paulo, trabalha de casa em casa como empregada doméstica, mão de obra barata, como elucida a música de Elza Soares, a carne mais barata do mercado, é a carne negra.

Dada a segregação racial, pobreza, e violências no documentário

16 Vide: ANTUNES, RICARDO. O privilégio da servidão o novo proletariado de serviços na era digital. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

17 Não é turbante.

do início ao fim assume a intersecção de juventude, de gênero, classe, território, educação, segurança, dignidade e moradia frente a questão racial. A temática moradia é retratada sob a ótica da violência policial e de facções na periferia, em que há lugares de linha de tiro de arma de fogo, cenário de guerra, bala perdida e casas alvejadas, lugar de fronteira de vida e de morte, que requerem para sobrevivência a mobilização de diversas estratégias de resistência. Outra expressão do racismo é a diferenciação das pessoas negras pelo estereótipo, conforme relata Lucas.

Imagine você ver um menino negro tatuado andando na madrugada com a mochila, a maioria da galera fica assustada, tá ligado? Na realidade eu só estava voltando do trabalho, e aí sempre rolava dessas, eu até as vezes ficava com medo quando eu estava voltando do trabalho e rolava dessas, tá ligado? Ou vindo de São Paulo, se não fosse medo de policiais era medo de negócio de facção, porque um bairro não pode entrar no outro, pra eu me adaptar a esse negócio foi muito louco, foi foda, tá ligado, tive que pegar a visão realmente, realmente tive que pegar a visão como funciona esse lance de você não pode entrar num bairro isso é muito foda pô, e aí você depois de passar todo esse lance no trabalho, de aperto de mente, saindo do trabalho só pra ir pra casa descansar e ainda aperto de mente de policial, e chega na quebrada: oprimido de novo. – você mora onde? Você é de onde? Você veio daonde?. Eu já falava diferente porque vinha de São Paulo, aí a galera já ficava naquela onda: ele é alemão [inaudível]. Ai eu comecei, não eu moro aqui cê tá maluco, aí eu comecei a meter gíria tá ligado pra tentar se enturmar também, pra tentar colar junto, porque se não, não dava. (ODÓ PUPA, 2018, 07:03– 08:38)

No relato fica evidente que o racismo estrutural coloca as pessoas negras como alvo da violência criminal, policial, e da injúria racial como a perseguição de pessoas negras em estabelecimentos comerciais (mencionada por Caíque), concomitante, ao relato, observa-se o cotidiano da comunidade, o camburão, os becos, vielas, paradas de ônibus, trabalhadores, estudantes.

Sintetizando, o documentário mostra a resistência daqueles que sobreviveram à diáspora, ao sequestro além da terra, ao sequestro de si mesmos, mas que, lutam para se (re)conhecerem novamente, na busca do espaço que perderam. Essa resistência é feita na forma da luta diária da sobrevivência e pelo reconhecimento da própria humanidade, dignidade. É notória esta luta quando os protagonistas do documentário enfatizam o trabalho como elemento essencial para sua sobrevivência, mas

que apenas o trabalho não basta, chamando atenção para a necessidade de se obter conhecimento, educação, identidade, “só na prática é que vai se percebendo e se construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também, é justamente de uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída” (GONZALEZ, 2019, p. 224).

O Documentário conclui-se com um discurso de resistência, de organização do horizonte para a mudança desta realidade perversa. Cabe a nós e ao corpo da sociedade civil e política brasileira reconhecendo-se um país multiétnico, pluricultural, promover em caráter de urgência uma política antirracista em todos os âmbitos, construindo no horizonte educativo um outro processo de socialização humana nas vias da emancipação, para que seja garantido o direito a dignidade humana nos processos de trabalho, segurança, saúde, moradia e etc, pois a ausência da responsabilidade pública amplia a dívida histórica.

É nesse horizonte que defendemos uma educação antirracista, que não se perca na legalidade formal sem materialidade, mas que garanta que cada grupo étnico racial possa socializar-se sem subverter-se a ideias, costumes e comportamentos incompatíveis com sua dignidade humana, esses indicadores de qualidade socialmente referenciada precisa ofertar uma educação pública compromissada com o pensamento crítico e com a transformação da sociedade. O que requer domínio sobre competências e habilidades docentes que possibilitem as desconstruções de preconceitos.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Carine Fiúza. *ODÒ PUPA: LUGAR DE RESISTÊNCIA*. **Direção: Carine Fiúza**. Produção: Carine Fiúza. Canais Globo. 18 de agosto de 2018. 13:45. Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/curtas-universitarios/v/6941761/>> Acesso em: 21 de novembro de 2022.

FIÚZA, Carine. **Odò pupa, lugar de resistência**. *Cadernos Imbondeiro*, vol. 6, nº 2, 2019 | UFPB | IN: II COPENE Nordeste. Anais. p. 845-856.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Trabalho Necessário**, ano 13, n. 20, 2015.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. **Arte & Ensaios**, n. 38, 2019.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo** / Clóvis Moura. – 5ª ed. -Teresina: EdUESPI, 2021

PESSÔA, Wilma Lúcia Rodrigues **Encarceramento e genocídio de jovens negros: Faces do racismo no Brasil** / Wilma Lúcia Rodrigues Pessoa; Nívia Valença Barros Barros, orientador. Niterói, 2020. 120 f. Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013. 473p.

SOUZA, Déa Maria Araújo Monteiro de. Visões literárias da Cidade da Bahia. EDUFBA. 2010. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/myv39/pdf/pinheiro-9788523209223-08.pdf>> Acesso em: 01 de dezembro de 2022

SOUZA, Elizabeth Caroline. Idealizada por cineasta paraibana, Mostra Pílão prestigia o audiovisual negro. **Portal Geledés**, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/idealizada-por-cineasta-paraibana-mostra-pilao-prestigia-o-audiovisual-negro> Acesso:1 de novembro de 2022.

XAVIER, Raísa Santos. A solidão da mulher negra e os reflexos na dignidade da pessoa humana. **Revista Eletrônica OAB/RJ** | Edição Especial "O Direito e as Mulheres Negras". Disponível: <<https://revistaeletronica.oabRJ.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Solid%C3%A3o-da-mulher-negra-e-os-reflexos-na-dignidade-da-pessoa-humana-convertido.pdf>> Acesso: 1 de dezembro de 2022.